

SEXUALIDADE SEM FRONTEIRAS

Flávio Gikovate

mg
MG EDITORES

SEXUALIDADE SEM FRONTEIRAS

Copyright © 2013 by Flávio Gikovate

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salette Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

MG Editores

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.mgeditores.com.br>

e-mail: mg@mgeditores.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

1 um

Pensei que não fosse mais escrever nada, que as ideias essenciais elaboradas ao longo desses 46 anos de trabalho já estivessem repetidamente registradas em dezenas de livros e centenas de artigos. Pensei também que minhas últimas quatro obras fossem a versão final e suficientemente bem elaborada das minhas reflexões. Este não é um texto longo. Trata-se de um anexo, um complemento do último livro (*Sexo*, publicado pela MG Editores em 2010). Porém, como acredito que as reflexões aqui contidas podem constituir uma contribuição relevante para desfazer alguns dos maiores mal-entendidos relacionados com esse que talvez seja um dos aspectos mais complexos da psicologia humana, decidi transformá-lo num trabalho à parte.

Os que me têm acompanhado sabem que um dos pilares das minhas reflexões acerca da nossa subjetividade diz respeito à radical diferenciação que faço entre amor e sexo: amor é um fenômeno homeostático, interpessoal por excelência, e um prazer negativo (dependente de um sofrimento prévio que o sentimento pretende desfazer); o sexo corresponde a um desequilíbrio homeostático prazeroso, cujas primeiras

manifestações são claramente autoeróticas, e a um prazer positivo (não depende de nenhum sofrimento anterior nem o desfaz).

O amor deriva da sensação de incompletude que experimentamos desde o nascimento, e a sensação de paz e aconchego que o caracteriza tem que ver com o elo que se estabelece entre o bebê e sua mãe. O sexo se manifesta quando a criança, no fim do primeiro ano de vida, começa a se reconhecer como ser autônomo; corresponde à agradável sensação que ela experimenta ao tocar certas partes do próprio corpo (as zonas erógenas). O sexo se manifesta assim que se inicia o processo de constituição da individualidade da criança, do seu desejo de entender e apreender o mundo que a cerca; é concomitante com o aprender a andar, com o balbuciar das primeiras palavras, indício de que seu *software* começa a operar com alguma autonomia. A criancinha passa a ter vontades próprias e seu cotidiano se alterna entre o prazer de ficar aconchegada no colo da mãe (amor) e caminhar ao redor dela, colocando tudo que encontra na boca, descobrindo paladares, texturas, cheiros e também a serventia e o modo de funcionamento dos objetos.

As primeiras manifestações eróticas surgem justamente do esforço de conhecer também o próprio corpo, suas reentrâncias e propriedades — entre elas, que tipo de sensação o toque provoca. A observação direta do comportamento das crianças entre 1 e 2 anos de idade confirma de modo inquestionável as considerações que estou descrevendo. **A criança vivencia três tipos de pra-**

zer distintos: o aconchego amoroso (ao qual recorre sempre que se sente mal ou em apuros), o gosto por conhecer tudo que encontra pela frente, além do prazer indiscutível que experimenta ao tocar suas zonas erógenas. Com o tempo, o prazer da excitação derivada da manipulação dessas partes do corpo vai se tornando mais e mais observável, em especial nas meninas (que parecem ter no clitóris uma fonte de excitação maior do que a que os meninos sentem ao tocar seu pênis).

Considerar a sexualidade infantil autoerótica faz parte do modo de pensar da psicologia que tem reinado desde o início do século XX. O autoerotismo é, claro, fenômeno baseado na excitação, sensação de inquietude que depende da estimulação direta (por toque manual ou por meio de outro recurso externo) das zonas erógenas. **O autoerotismo não implica, pois, nenhum objeto externo.** Nesse ponto começam as divergências e, a meu ver, o início da confusão: ao considerar amor e sexo parte do mesmo tipo de impulso, Freud e seguidores passaram a acreditar na presença de um desejo, especialmente nos meninos, em direção da mãe. **Há décadas me insurjo contra esse modo de pensar, visto que o que une o menino à sua mãe é o amor e não o sexo; é o amor o sentimento gerador de ciúme no pai (já que ambos amam a mesma mulher).**

O desejo sexual, como registro com veemência em meu livro sobre o sexo, se distingue radicalmente da excitação: desejo implica objeto externo a ser alcançado, no qual se pretende roçar as zonas erógenas com o intuito de

daí extrair um prazer especial.¹ O desejo, no sentido sexual, é indiscriminado; é o que ocorre com frequência aos homens adultos, sensíveis à aparência física e à sensualidade de inúmeras mulheres todos os dias. Por essa razão, afora os casos em que o objeto externo seja muito específico (em geral, o objeto do amor) e, até certo ponto, excludente, não convém pensar no desejo indiscriminado como um fenômeno efetivamente interpessoal.

Durante a infância, não creio que seja adequado pensarmos em desejo sexual: meninos e meninas trocam carícias de forma indiscriminada e o fazem, mais que tudo, tentando imitar o que observam existir entre adultos. Eles provocam excitação equivalente à que sentiriam se cada um tocasse a si mesmo. O fenômeno é claramente autoerótico ao longo de toda a infância. Além disso, funda-se em excitação e não em desejo — que, quando existe, envolve objetos de amor (desejo de companhia e aconchego).

¹ “Desejo” é um termo genérico usado tanto no sentido erótico como quando relacionado aos anseios sentimentais específicos (que aí devem ser separados de necessidades práticas da presença do outro). Na infância, costuma estar direcionado à mãe. A figura materna é objeto de desejo amoroso e não sexual. Desejo também se usa para descrever a vontade de possuir algum bem material precioso que nos falta.